

**CENTRO UNIVERSITÁRIO BELAS ARTES DE SÃO PAULO**  
**FRÁGIL MAGNIFICÊNCIA: A INSTABILIDADE PSÍQUICA TRADUZIDA**  
**ATRAVÉS DA LINGUAGEM FOTOGRÁFICA**

**Curso ARTES VISUAIS**

**Orientanda: DANIELA D'ERRICO SIQUEIRA**

**Orientadora Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Silvia Helena dos Santos Cardoso**

**RESUMO**

Utilizando a linguagem fotográfica como poética, foi trabalhada a saúde mental na contemporaneidade, bem como as relações humanas estabelecidas. A fotografia contou com a performance e a expressão corporal como aliadas no processo de criação.

**Palavras-chave: Fotografia. Performance. Saúde Mental. Contemporaneidade.**

**ABSTRACT**

Through the photographic language as an artifice, it was brought to the visual arts a contemporary thematic of mental health, as well as how it can affect human relations. As a resource to bring those to the photographic creation, the performance and body expression were used to work with this thematic.

**Keywords: Photography. Performance. Mental Health. Contemporaneity.**

## INTRODUÇÃO

Se comparada com a História da Humanidade, a História da Medicina é extremamente recente, sendo contado em décadas há quanto tempo avanços significativos surgiram. No âmbito da saúde mental, esse processo é ainda mais recente. A História de Hospitais Psiquiátricos e do desenvolvimento desta medicina vivenciou períodos extremamente obscuros, onde tratamento de choque, com sangue sugas, onde estes animais eram colocados pelo corpo do paciente para baixar sua pressão sanguínea até ficarem inconscientes, as lobotomias (procedimento cirúrgico voltado para o desligamento os hemisférios do cérebro, desta forma desativando terminações nervosas responsáveis pelas emoções; a cirurgia era feita de forma inadequada, era inserido um prego com a extensão da área do cérebro através da glândula lacrimal) e procedimentos onde pacientes eram colocados em banheiras com gelo até que alcançassem a hipotermia faziam parte de uma rotina desumana. O estigma carregado por este segmento da saúde é, também, ainda muito presente - o que explica os números da Organização Mundial da Saúde (OMS) quanto a enfermos sem tratamento adequado, apontado pelo Prof<sup>o</sup>. Dr. Carlos Eduardo Pulz Araujo, Coordenador do Programa de Pós-Graduação Lato sensu em Farmacologia Clínica da USF (Universidade São Francisco): “O mais perigoso desses números são os dados da própria OMS, os quais refletem que cerca de 75% das pessoas com depressão não recebem tratamentos adequados e específicos. É diante de uma questão complicada como esta que precisamos especializar profissionais da grande área da saúde na prática clínica, mediante a avaliação crítica da eficácia e segurança dos medicamentos”<sup>1</sup>

Em 2014, a OMS colocou a depressão como 5<sup>a</sup> maior questão de saúde pública no mundo, é previsto que em 2020 a doença alcance a 2<sup>a</sup> colocação. Ainda citando dados da OMS, cerca de 340 milhões de pessoas eram afetadas pela doença no momento em que o estudo foi realizado; fora constatada que a enfermidade é responsável por 850 mil suicídios em todo o mundo. Só no Brasil, são contados 13 milhões de enfermos.

---

<sup>1</sup> CONTI OUTRA, Coletivo. Disponível In <http://www.contioutra.com/depressao-sera-2a-maior-questao-de-saude-publica-em-2020-conheca-os-sinais/> acesso em Agosto 2014 e Setembro 2015.

A depressão traz número alarmantes em nosso tempo, estando abaixo dos holofotes quando se trata da discussão sobre psicopatologias – e mesmo assim sua importância ainda não possui proporções devidas – mas há diversos sintomas extremamente presentes no cotidiano da humanidade contemporânea, destes posso citar distúrbios alimentares (como a bulimia e a anorexia), os transtornos de ansiedade, além de muitas outras. O número de pessoas que passaram por alguma destas questões em algum momento da vida aumenta a cada dia.

Existem diversos fatores que podem contribuir para o aparecimento das patologias citadas. Podem ser circunstanciais, ambientais, genéticos. Sua origem de fato possui variáveis o bastante para que seu surgimento seja de fato mapeado. O que podemos observar, porém, é como esta humanidade reage em relação a tais fatos, e como a sociedade em que é inserido age em relação a esse ser, e vice versa.

Uma obra com caráter conceitual – onde a motivação e significação de uma obra é tão relevante quanto seu desenvolvimento - busca, ao trazer diversas temáticas para a linguagem visual, criar um novo diálogo com as questões propostas.

Pretende-se com o presente trabalho criar relação com a forma humana inserida no ambiente civil através da fotografia, traduzindo através da linguagem corporal a relação da humanidade com sua saúde mental e a expressão/entendimento dessa relação.

## 1. Pensar o Frágil

Segundo o dicionário da língua portuguesa publicado pela Editora Porto<sup>2</sup>, existem cinco definições para a palavra fragilidade:

1. Qualidade do que é frágil, pouco resistente;
2. Debilidade física, aparência franzina;
3. Tendência para se submeter a vontade dos outros; fraqueza;
4. Falta de consciência, instabilidade;
5. Falta de bases, ausência de consolidação;

Dentre elas, há uma que interessa especialmente a este trabalho,

**Fragilidade (adj. Fem.): Falta de consciência, instabilidade.**

Apesar de o dicionário nos indicar a sua definição, fragilidade é uma palavra que nos sugere um *estado* e nos oferece um ponto de partida para pensar a instabilidade.

O que seriam, fragilidade e instabilidade, quando conectados à psique humana? O psiquiatra e psicoterapeuta suíço Carl Gustav Jung (1875-1961) usa a definição de *psique humana* como sendo processos psíquicos conscientes e inconscientes, que reflete objetivamente na formação somática, sendo a verdadeira portadora e geradora dos princípios morfogenéticos. Estes processos são estruturados em três categorias: *consciente*, *inconsciente pessoal* e *inconsciente coletivo* (Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo – Vol. 9/11, 2011).

O *consciente* se trata do aparelho psíquico que se mantém em contato com o mundo interior (processos psíquicos) e ao mundo exterior, sendo este o meio ambiente e o social; aqui estão contidos o senso de identidade, raciocínio, memória, bem como outras funções cognitivas e mentais. Com uma barreira imprecisa ao consciente, o inconsciente pessoal é a camada mais superficial do inconsciente. Nela estão contidos características derivadas da formação do indivíduo, posteriores ao nascimento. Nele estão conteúdos formados por percepções subliminares, combinados com idéias que não possuem energia

---

<sup>2</sup> DICIONÁRIOS EDITORA. Dicionário Editora da Língua Portuguesa: Acordo Ortográfico. Porto Editora. Porto, Portugal. 2014. 1744 p.

psíquica o bastante para irromper no consciente. Memórias deixadas de lado pela consciência, além de desejos reprimido, repressões sexuais e experiências dolorosas a serem esquecidas; qualidades da personalidade, sejam essas positivas ou negativas. A manifestação destas, proveniente de uma forte carga emocional, é muitas vezes incompatível com o consciente do indivíduo. As bases dessa energia estão nos arquétipos, presentes no inconsciente coletivo. Essa energia, ao irromper o inconsciente, pode se manifestar através de sonhos, comportamentos, fantasias e devaneios.

O inconsciente coletivo é a base da psique humana, sendo sua camada mais profunda. Nela, características anteriores ao nascimento são herdadas, como por exemplo os arquétipos – como o conceito de nascimento, mãe, morte, sol, lua, fogo, poder, entre outros.

Tendo em vista as definições já citadas, a fragilidade psíquica seria a instabilidade da consciência ou a total ausência desta.

A ausência total ou parcial da consciência está longe de significar o não funcionamento da mente. Não se trata de entender a fragilidade como a falta de consciência fisiológica, tal como nos casos de estados vegetativos. O que nos interessa na ideia de fragilidade é que se por um lado ela é vista como um sintoma corriqueiro, portanto, tratada com pouca importância, por outro, ela é justamente o sintoma da opressão das mentalidades de nossa sociedade normopata – citando Flávio Carvalho Ferraz, de sua obra *Normopatia*, da *Coleção Clínica Psicanalítica* (2005, p. 21) “A palavra ‘normopata’, na acepção que sua criadora lhe deu, foi inventada para tentar retratar um certo tipo de paciente aparentemente bem adaptado e ‘normal’, isto é, sem um conflito clínico ruidoso, seja neurótico, ou psicótico. Mas o trabalho analítico com este paciente chegava invariavelmente a um impasse, pois ele tinha uma imensa dificuldade – quando não a total impossibilidade – de fazer um mergulho profundo em seu mundo interno, exigência básica para o sucesso de uma análise. Tal configuração psíquica se trata de ‘normopatia’, e não de ‘normalidade’, porque é uma normalidade falsa ou apenas aparente; melhor dizendo, é uma normalidade estereotipada ou uma hipernormalidade reativa, decorrente de um processo de sobreadaptação defensiva”. Esta adaptação é necessária pois a sociedade em que se é inserido exige uma forma de comportamento e pensamento predeterminado, não condizente ao ser humano.

Ao decorrer da história várias forças que agiam sobre o ser humano passaram a perder seu poder hegemônico, como a religião e a política autoritária. O psicanalista e estudioso alemão Erich Fromm (1900-1980) observa em sua obra *O Medo A Liberdade* (1965) que apesar de atingir liberdade de expressão, tal conquista ofuscou outras forças que agem sobre o ser. Estas são as autoridades anônimas, exemplificadas pelo autor como a opinião pública e o “senso comum”, “[...] tão poderosos devido à nossa profunda presteza em conformar-nos com as expectativas que todos tem a nosso respeito e nosso temor igualmente entranhado de sermos diferentes” (1965, p. 96)

O jogo de forças que se operam na Autoridade Anônima – conceito trabalhado por Erich Fromm - intensifica o processo do constante embate entre a configuração e reconfiguração das subjetividades. De modo que quando se "ignora" o jogo de forças em constante atrito, e não se tolera habitar o lugar de instabilidade, dúvida, medo, angústia, imediatamente cola-se a um ideal de identidade e altera-se a forma de pensar com o objetivo de adequar-se, adaptar-se, integrar-se. Esta necessidade de adaptação vem do instinto humano (gregário) de manter-se pertencente à sua espécie, ao seu grupo, aos ideais vigentes.

A autoridade anônima trabalhada por Erich Fromm está diretamente relacionada com o inconsciente coletivo de Carl Gustav Jung. Tendo em vista que o inconsciente coletivo carrega ideias que são anteriores ao nascimento (os já citados arquétipos), é nele que residem forças aquém do ser, já que é pela vivência cultural que estes arquétipos – predefinições - adquirem forma concreta. Nesta camada não existe nada de único ou individual, tais adjetivos se aplicam às outras camadas, da consciência e do inconsciente pessoal.

Luiz Fernando Carvalho (1960), cineasta brasileiro, dirigiu a versão cinematográfica do livro *Lavoura Arcaica*, escrito pelo imigrante libanês Raduan Nassar (1935), que conta a história de uma família provinciana, de estrutura estritamente patriarcal. O protagonista, André, um dos sete filhos (quatro mulheres e três homens), se vê sufocado pela rotina da fazenda e dos exaustivos ensinamentos do pai, bem como atormentado pela paixão que nutre por sua irmã, Ana, o levam a fugir da fazenda e buscar um vilarejo. Seu irmão mais velho, Pedro, parte em busca de André, e tenta convencê-lo de que sua partida

desmantelou a estrutura familiar. É neste momento que André se posiciona e confessa que a família já há muito não funciona. É então que a discussão de valores se torna o centro da trama.

André é um personagem exacerbadamente sensível, o que torna a rotina de labuta da fazenda e rigidez da família insuportáveis a ele. Na ânsia familiar de manter-se em tradição, surge a este personagem uma frustração que nada mais é que um assombro abstrato, tendo em vista que a forma de vida em que pudesse encontrar a plena satisfação é longínqua o suficiente para ser uma incógnita perturbação. A fuga marca o momento em que os escape imaginário dos momentos de isolamento tornam-se irrisório.

Um momento marcante na vida desta família é a reunião a mesa de jantar, onde, na ponta destas, o pai proclama os sermões que ouvia de seu pai. Para grande parte da família, se tratava de um momento de conforto e pausa da rotina maçante de afazeres domésticos e trabalho agrícola. André descreve, em um destes sermões, como enxerga a distribuição da família diante a mesa, colocando-os como uma grande árvore. Nesta árvore, o pai simboliza o tronco, a estrutura familiar, as raízes. Do lado esquerdo, está Pedro, o mais velho, seguido de suas irmãs; o personagem descreve esta “ramificação de galhos” como saudável, aquela que tem ligação direta com as raízes, capaz que seguir todos os ensinamentos provenientes desta. Já o lado direito da mesa, iniciado pela matriarca, marca uma quebra na ligação (já que ela não possui ligações sanguíneas com o patriarca, enfatizando também o tipo de estrutura imposta no ambiente), e os “galhos” que a segue (André, Ana e Lula, o caçula, que também planeja sua fuga) está apodrecido, condenado pela relação de André e Ana, a “rebeldia” de ambos e a renúncia de Lula ao trabalho na fazenda.

Esta descrição da estrutura pode ser vista de forma que explica como a imposição de ideias e valores (sejam essas institucionais ou outras) podem agir em um grupo de indivíduos. Há aqueles que acreditam nos dizeres que lhe são impostos, acatando-os sem questionar e, mesmo que haja questionamento, a posição em relação a estes continua sendo de passividade e aceitação. Enquanto, por outro lado, há indivíduos cuja realidade não se encaixa ao que foi imposto o bastante para que a vida dentro desta torne-se insuportável e insustentável. É neste momento que a perturbação se transforma em fuga, onde

surtem as contraposições e movimentos alternativos aquilo que é propagado. A todo momento estes são colocados como doentios (do ponto de vista da saúde alienada, descrita por Erich Fromm como “aqueles que são capazes de cumprir seu papel perante a sociedade que lhes é imposta” (Psicanálise da Sociedade Contemporânea, 1967, p. 188) e há todo momento há algo que descaracterize a oposição – marcado na história pela busca de Pedro por André e a tentativa de convencê-lo a voltar.

Há outro exemplo cinematográfico marcado pela estrutura familiar aprisionadora e seus efeitos no indivíduo. *A Pele: Um Retrato Imaginário de Diane Arbus* (2006), filme dirigido pelo cineasta americano Steven Shainberg (1963), conta uma história fictícia tendo como protagonista a história da fotógrafa nova yorkina Diane Arbus (1923-1971). Na trama é contado como Diane adentrou o mundo da fotografia, através do estúdio de seu marido. Ela se encontrava em uma rotina sufocante e insatisfeita, até que Lionel, pertencente ao circo, torna-se inquilino em um apartamento acima do seu. É através de um romance com Lionel que Arbus começa sua busca pelo excêntrico, pelo desconhecido. Pela imagem de pessoas deformadas ou pertencentes ao circo é que ela explora essa população considerada a escória de Nova York, fugindo de sua rotina.

Com os modos de vida produzidos pelo modelo econômico no mundo contemporâneo ocidental, estabeleceu-se um padrão de comportamento moral relativamente restrito. Assim, há diversas formas do pensamento humano que acabam sendo reprimidas para encaixar-se nestes padrões. Caso não o faça, a pressão e dificuldade *de ser, de existir, na convivência* destes ambientes torna-se caótica e frustrante. Igualmente frustrante torna-se o abafamento dos comportamentos e pensamentos divergentes.

### **1.1 O externo como catalisador**

Um engenheiro acaba tendo seu carro rebocado no dia do aniversário de sua filha, o que leva-o a perder a festa e conseqüentemente desencadear problemas matrimoniais. Ao reagir com extrema violência ao se recusar a pagar a multa, o homem vira manchetes e acaba perdendo o emprego. Ao sair para



procurar outro emprego, seu carro é rebocado novamente enquanto tenta entregar o currículo em outra empresa. Revoltando-se contra a situação, o engenheiro posiciona seu carro em um local para ser rebocado novamente, desta vez carregado com explosivos de demolição programados para destruir o local sem ferir ninguém, sendo então um ato extremamente calculado que o leva a prisão e, paralelamente, a ser notícia nacional como figura contra o sistema. A cena pertence ao filme *Relatos Selvagens* - escrito pelo ator argentino Ricardo Darín (1957), dirigido em 2014 por Damián Szifron, cineasta argentino (1975) - é um filme de longa metragem formado por seis histórias, cada uma delas relatando uma problemática contemporânea, abordando situações corriqueiras da civilização moderna onde as reações e atitudes de cada personagem fogem de maneira extrema ao que é esperado a um homem que tenha comportamento ajustado aos padrões impostos pela sociedade, chegando a posturas que beiram a barbárie.

São posturas pontuais como a do engenheiro que servem como demonstração da maneira que o mundo externo ao indivíduo pode refletir em seu interior. A forma como estas informações ressoam com o interno criam as devolutivas caóticas apresentadas no filme que, apesar de ficção, traz cenários extremamente reais. Com exceção do primeiro relato, onde um comissário de bordo reúne em um avião, com o intuito de derrubá-lo, todos aqueles que fizeram algo que não lhe agradou, incluindo seu psiquiatra, não se trata de pessoas que haviam histórico ou indício de desequilíbrio psíquico mas sim pessoas que foram levadas à acessos de insanidade ao serem expostas por padrões de comportamento e conduta determinados pela economia, política, moral e todas as forças que cercam as “autoridades anônimas” - conceito de Erich Fromm.

O mundo pós-moderno e contemporâneo sofre, com frequência, mudanças extremas em relação aos comportamento e hábitos. Fato recorrente da inalterável velocidade com que acontecem – um momento da história onde o mundo virtual é transferido para a noção de tempo real; a resposta e resultados instantâneos começam a fazer parte da rotina. Essas mudanças existem para funcionar como combustível do mercado, incentivando o consumo compulsório; a necessidade de estar com todos os utensílios, equipamentos eletrônicos e

cada peça do guarda roupa com o que há de mais recente, inovador e funcional. A máquina econômica mundial é a força motriz que rege o mundo contemporâneo, afetando todos os âmbitos da vida humana, de forma que até a Arte torna-se comércio e necessidade de consumo, como colocado pelo estudioso francês Gilles Lipovetsky (1944) em sua obra *A Cultura-Mundo: Resposta a Uma Sociedade Desorientada* (2013) como a necessidade de *consumir arte*, a necessidade de ingerir aquele evento – como uma peça de teatro ou exposição – pelo simples fato de fazê-lo, de mostrar-se como culto e apreciador da arte, mesmo que do conteúdo desfrutado nada tenha-se absorvido ou aproveitado (p. 87) Se o resultado esperado não é concretizado no tempo esperado - ou seja, instantâneo e o mais rápido possível - logo será descartado e substituído, postura herdada do comportamento consumista.

Em um contexto onde a economia rege o comportamento, o homem tornou-se peça deste funcionamento – e apenas isso. Como colocado por Erich Fromm em *Psicanálise da Sociedade Contemporânea*:

“O sentimento de sua identidade não nasce de sua atividade como indivíduo vivente e pensante, mas de seu papel socioeconômico. Se as coisas falassem, uma máquina de escrever responderia à pergunta ‘quem és?’ dizendo: ‘sou uma máquina de escrever’, e um automóvel diria: ‘sou um automóvel’, ou, mais especificamente, ‘sou um Ford’, ou ‘um Buick’, ou ‘um Cadillac’. Se perguntares a um homem ‘quem és?’, ele responderá: ‘sou um fabricante’, ‘sou um empregador’, ‘sou um médico’, ou ‘sou um homem casado’, ‘sou pai de dois filhos’, e sua resposta tem um sentido muito parecido ao da resposta da coisa que fala: esse é o modo como sente a si mesmo, diferente de um homem com amor, medo, convicção, dúvida, mas como uma abstração, alienada de sua natureza real que desempenha certa função no sentido social. Seu sentido do valor depende de seu êxito, de ele poder ou não vender-se favoravelmente, de poder ou não transformar-se em mais do que era quando começou, de ser ou não um êxito. Seu corpo, sua mente e sua alma são o seu capital, e sua tarefa na vida é inverter esse capital favoravelmente, tirar lucro de si mesmo.” (1965, p. 144).

Partindo de tal forma de visão do próprio ser humano, ao procurar uma relação humana serão buscadas trocas e favores – o que de cada indivíduo pode ser oferecido e o que de cada relação estes poderão tirar proveito. É inegável a

necessidade humana de sentir-se conectado a outras pessoas. Porém, de que forma? Em um mundo onde o casamento já não se trata exclusivamente de um acordo financeiro para assegurar uma prole genuína<sup>3</sup>. Num momento onde amor, sexo e casamento fundiram-se de uma forma inovadora após a Revolução Francesa ao contrário do que muitos acreditam, de que forma esta necessidade se manifesta, e muito além, como são suprimidas – se é que chegam a ser. Mais ainda, seriam as verdadeiras necessidades suprimidas pelo ser humano ou somente àquelas que acredita possuir?

## 1.2. O frágil nas relações humanas

Informações circulam pelo mundo de forma rápida e dinâmica. A cada segundo, milhares de opções do que buscamos aparecem a nossa frente. Isso torna cada vez mais estranha a ideia da atração pelo estável. Como garantir que sua escolha fora a melhor? E se, daquele momento em diante, uma proposta mais interessante aparecer? Estas incertezas fazem com que a ideia de estar conectado só parece interessante quando a opção de desconectar-se existe. Relacionar-se adquiriu este caráter de forma que, apesar da ânsia e necessidade de conectar-se com o outro, há um medo intrínseco de que seja permanente; como exemplificado pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman (1925) em sua obra *Amor Líquido* (2004), desfrutem a fatia de bolo com o cuidado de preservá-lo; desfrutem do que de melhor cada relacionamento pode ter sem correr o risco de não poder relacionar-se de outra forma, com outras pessoas.

O relacionar-se tem, hoje, um novo aspecto. A “autoridade anônima” vinda do patriarcado dita desde a infância para as meninas que um dia elas irão se casar e constituir família; é posto uma obrigação. Que devem esperar pelo “príncipe encantado”. E, no caso da figura masculina, é dito que em

---

2 LINS, Regina Navarro. Amor Cortês – Começando a Falar de Amor In **A Cama Na Varanda: arejando nossas ideias a respeito de amor e sexo**. Rio de Janeiro. Rocco. (Gênero Plural). 2007. SEGUNDA PARTE: Amor. p. 61 a p. 72.

algum momento de suas vidas precisarão “aquietar-se” e buscar estabilidade junto.

A ideia da formação do núcleo familiar surge juntamente com o patriarcado. Com o aumento das forças de produção e o acúmulo de riquezas. A partir do momento em que é descoberto o papel biológico da paternidade – com a domesticação dos animais, que permitiu que a procriação fosse então observada de perto -, após anos com a fertilidade feminina sendo tida como a única responsável pela propagação da espécie<sup>4</sup>, é que o patriarcado toma forma. Neste momento a autonomia sexual da mulher é colocada em risco. As forças de produção aumentam a níveis inimagináveis, superiores ao seu consumo. As riquezas e noção de posse também se elevam. Ao perceber isso, o homem deseja assegurar suas riquezas conquistadas. O casamento torna-se um meio para tal. Limitando a vida sexual da mulher para apenas um parceiro fixo, é certa a origem da prole, de forma a haver uma herança assegurada.

Desde o século XII, era tido que poderia haver estima entre o casal; mas nunca amor. “Do amor fazem parte a aventura e a liberdade e não as obrigações e as dívidas e, por ser um dom livremente dado, não cabia ao casamento, que era um contrato comercial sem espaço para considerações pessoais”. Segundo Regina Navarro Lins (1948), psicanalista brasileira em sua obra *A Cama na Varanda: arejando nossas ideias a respeito de amor e sexo* (2007), tal consenso surgiu com a influência cristã ao matrimônio, que trazia questões como o repúdio ao corpo e ao sexo sem a intenção de reprodução, fora do casamento.

Apesar do amor romântico ser identificado em diversas culturas, como no Japão e na antiga Pérsia, fora só no ocidente que este tomou um caráter amplo o suficiente para funcionar como uma “epidemia” (termo citado pela psicanalista Regina Navarro Lins). Faz parte do inconsciente

---

<sup>4</sup> LINS, Regina Navarro. A descoberta da paternidade In **A Cama Na Varanda: arejando nossas ideias a respeito de amor e sexo**. Rio de Janeiro. Rocco. (Gênero Plural). 2007. PRIMEIRA PARTE: O passado distantes. p. 22 a p. 23.

coletivo ocidental que o amor romântico é sinônimo de amor verdadeiro. O amor romântico desenvolveu-se a partir do amor cortês, em um tempo onde a aristocracia apenas casava suas filhas e seu filho mais velhos, surgiram os cavaleiros celibatários; estes idealizavam a mulher como figura mística e buscavam conquistá-la, na ânsia de poderem constituir família. Deste fenômeno surge o amor romântico: aquele que exalta, que mistifica, levando o ser apaixonado a um estado de consciência onde acredita que todas as suas dúvidas e anseios referentes a vida serão supridos.

Deste sentimento, surgem então as expectativas referentes ao objeto de amor e sua relação com este. Acredita-se que este indivíduo deve alimentar tão sensação por todo o decorrer do relacionamento, bem como as necessidades individuais que acredita serem suprimidas pela pessoa em questão e/ou sua união com esta.

Expectativas utópicas surgiram, não só no que se refere à um relacionamento; com ele, uma série de padrões de quais seriam as melhores condutas para manter-se em uma relação. Revistas e artigos contemporâneos exclusivos ditando o devido comportamento para encontrar o parceiro ideal. O que vestir, o que fazer. São padrões e expectativas que ajudam a impulsionar o consumo e parecem funcionar perfeitamente para o sistema vigente. A grande questão é que não há padrão que se adéque a cada uma das pessoas presente neste sistema. Diversas frustrações surgem quando tais padrões não são atingidos. Há padrões de estética impossíveis ou inviáveis para alguns corpos; relações dificilmente podem se adequar a um padrão pré-definido, já que todo relacionamento – independente de que natureza, seja romântica, social ou profissional – envolve pessoas e variáveis extremamente distintas. Anseios de âmbito pessoal acabam sendo projetados nas relações, que por si só já carregam anseios consideráveis. Cada circunstância pessoal projetada no relacionamento cria uma bola de neve de problemas sem aparente solução.

Estilos de vida “pré-fabricados” já fazem parte do inconsciente coletivo. Seja ele em relação ao patriarcado ou ao amor romântico. Por mais revolucionário que seja a junção entre amor romântico e matrimônio,

esta não é a mudança mais recente ocorrida nesta forma de relação. Hoje, o casamento não é mais uma obrigação econômica ou social. Com a conquista dos direitos das mulheres e sua entrada no mercado de trabalho, bem como os métodos de controle de natalidade mais acessíveis, o cenário familiar mudou. Nisto, diversos padrões impostos estão sendo colocados em dúvida. Mas o questionamento está pouco direcionado, não há um inimigo iminente, já que estes padrões fazem parte das “autoridades anônimas” ou seja, o inconsciente coletivo.

Frustrações geradas por não atingir modelos impostos, por não poder viver sem julgamentos e discriminação caso não haja tentativa de adequar-se.

O ser humano possui a necessidade de satisfazer-se, tarefa árdua quando o próprio desejo já não é certo. O caminho seguido é aquele que deseja ou aquele que lhe foi imposto? A linha que separa estes é tênue.

A pressão gerada pelo estilo de vida vigente manifesta-se no psicológico. O aumento de casos registrados de depressão, altas taxas de suicídio e o consumo de remédios para controle de ansiedade, sono, entre outros. A psique adoentada é a resposta a uma sociedade claramente disfuncional, perdida. Um pássaro batendo no vidro, percebendo que há algo errado, pedindo ajuda à uma humanidade querendo sobreviver.

## 2. Sobre Fotografia

A fotografia surge como mais uma linguagem imagética, sempre necessária ao homem para entender, interpretar ou apenas exaltar o mundo e as ideias a sua volta. A humanidade está cada vez mais rodeada por imagens, e o registro fotográfico é de certo o mais frequente. Com o passar dos tempos a acessibilidade aos equipamentos fotográficos e suas versões de fácil manuseio, e mesmo antes dessa democratização do fotografar, acredita-se que tudo já tenha sido fotografado e, se não o foi, esta será a busca.

A fotografia, como meio de criação, possui um aspecto diferente da linguagem pictórica, gráfica e do desenho. Como é colocado por Susan Sontag (1933-2004) em sua obra *Sobre Fotografia* (1977, p. 14):

O que está escrito sobre uma pessoa ou um fato é, declaradamente, uma interpretação, do mesmo que as manifestações visuais feitas a mão, como pinturas e desenhos. Imagens fotografadas não parecem manifestações a respeito do mundo, mas sim pedaços dele, miniaturas da realidade que qualquer um pode fazer ou adquirir.

Uma interpretação do fato é capaz de dizer mais sobre o artista do que sobre o próprio fato. Por mais que a fotografia também esteja sujeita a uma interpretação – a interpretação do olhar de quem fotografa, costurando referências e experiências vivida – a partir do momento em que uma fotografia chega ao expectador, é o mundo com o qual seus olhos se encontram que ele estará a frente; uma cena pausada do filme em que vive; uma realidade, algo palpável, concebível sem que haja de fato um pensamento por trás deste (como entender um evento retratado em uma pintura).

Retirar uma fatia do tempo, de forma que seja possível observá-la, analisa-la e admirá-la de forma precisa, torna a fotografia a ferramenta ideal para que um tema pertencente a um tempo seja retratado, emoldurado e estudado.

### 3. O Processo Criativo

A ideia surge de um aglomerado de pensamentos e teorias. O grande desafio de traduzir visualmente um conceito que envolve a complexidade da mente humana, sua expressão e seu funcionamento perante o mundo e vice versa.

Há duas palavras chaves que auxiliam no entendimento de como a organização destas ideias pode funcionar: dinâmica e expressão.

A expressão surge a partir do corpo. É de grande uso o estudo da linguagem corporal para enxergar comportamentos e sensações existentes na mente humana que não querem – ou não sabem como – serem traduzidas verbalmente.

Antes de tratar de como o fator expressão e a dinâmica funcionam vale apresentar o local onde as imagens foram realizadas.

O local em questão fora uma residência, localizada no bairro do Ipiranga, em São Paulo. Esta residência não era formalmente habitada há cerca de oito anos. Neste período sofre algumas invasões e ataques, de forma que a poeira e os escombros dominavam o ambiente.

A representação de uma construção civil trouxe à cena o elemento urbano. Francesca Woodman (1958-1981), que viveu grande parte de sua vida nos Estados Unidos especificamente na cidade Nova York), tinha como grande aliado em sua criação o espaço urbano, mesclando este ambiente com o ser humano, em alguns casos buscando que ambos se confundissem.



Figura 1: Fotografia de Laura Makabresku



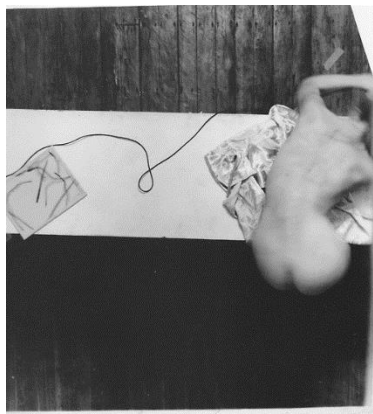


Figura 2: Fotografia de Francesca Woodman

Onde escombros e a deterioração conversam com expressão de corpo e mente? Bem como a sociedade e na vivência no ambiente social está para a humanidade inserida nesta, está a casa abandonada está para o corpo que se expressa. Um cenário que traz a decadência do ambiente e que reflete na pele, enquanto a sujeira impregna os corpos conforme ali habitam. A cada movimento algo poderia se quebrar. Uma estruturação abalada o suficiente para que passos delicados de uma bailarina afetassem sua estrutura, caminhando descalça por cacos de vidro.

A expressão em um ambiente como este pode ser consideravelmente desafiador. É neste momento que palavra dinâmica irá entrar em cena.

Apesar de existirem imagens pré-concebidas do que deveria ser produzido – desenhadas, registradas e estudadas através de um caderno de rascunho - e de existir uma direção de cena durante a produção fotográfica, grande parte do que é trazido nas imagens veio da movimentação corporal das pessoas que ali estavam. Há vários conceitos e palavras que podem ser extraídas da temática de instabilidade psíquica e fragilidade humana. A partir de algumas dessas, como embate, agonia e desespero, por exemplo, que eram ditas àqueles que ali estavam, voluntariamente, para se entregar para a experiência, e a partir desta a instrução era de que se movimentassem com a sensação de que cada palavra havia neles, como cada ideia seria traduzida pelo seu corpo.

Cada cena, cada ato, a criação de uma narrativa. A relação do corpo com cada história. A fotógrafa polonesa Laura Makabresku (1987) traz para a fotografia a criação de narrativas visuais com a inspiração em contos de fadas. Cada foto, porém, não necessariamente precisa existir no tempo linear. Com as

visões e movimentos trazidos por estes somado aos que por consequência pude visualizar criou-se a dinâmica entre o ponto de vista de cada performer\*<sup>5</sup>envolvido. Como um dos focos da pesquisa é o funcionamento desta fragilidade refletida nas relações humanas, tal direcionamento também funcionou em cenas envolvendo duas ou mais pessoas.

Em algumas cenas o retrato do nu é utilizado, como forma de ressaltar o que ali era exposto se tratava unicamente de significação e resposta humana ao ambiente em que fora inserido. Nas cenas em que havia alguma vestimenta ou figurino, se tratava de uma representação metafórica da proteção buscada por muitos na tentativa de esconder as próprias fraquezas que poderiam atingi-los. Este recurso se mostra tanto no trabalho de Laura Makabresku – como um fator visual de fragilidade – bem como é usado largamente no trabalho de Francesca Woodman.

Há fatores interessantes sobre o processo de criação da imagem que valem serem acrescentados aqui. O primeiro fato é de que nenhuma das pessoas envolvidas nas imagens se conheciam antes desta experiência. Apesar do possível estranhamento – muito presente também ao lidar, individualmente, com algum sentimento do qual não se havia conhecimento ou contato – toda forma de interação que ali existiu se tratou de visões que não foram concebidas nas mesmas circunstâncias ou em conjunto, fora puramente a interação entre dois mundos humanos colididos, interagindo de forma fluída.

Ao se tratar de uma obra artística que busca trabalhar uma temática externa ao âmbito plástico ou cujo tema esteja diretamente ligado as artes visuais, questões estéticas de sua criação não necessariamente possuem a mesma relevância que o valor conceitual que busca-se abranger. No presente trabalho porém os valores estéticos da criação possuem equivalente importância

---

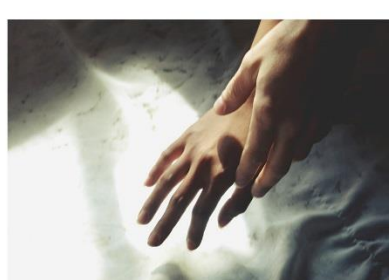
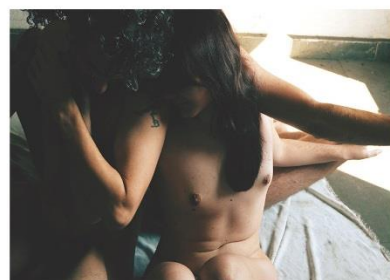
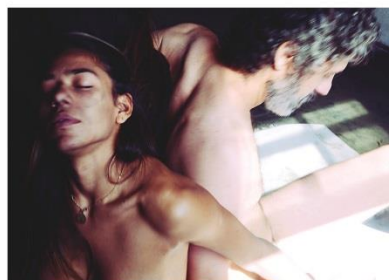
\*Performer é aquele que representa/interpreta uma ideia proposta. Os performers envolvidos neste projeto se ofereceram para tal experiência por acreditarem na arte como meio de expressão e difusão da informação, bem como por seu interesse pessoal no tema desenvolvido. As pessoas nas imagens são: Renata Lippi, 20 anos, estudante de história e educadora. Alexia Carvalho, 19 anos, designer. Demétrius Carvalho, 41 anos, músico. Tomaz Canabrava, 31 anos, programador. Laura Amorim, 19 anos, estudante de artes visuais. Mariana Cardoso, 19 anos, estudante de artes visuais. Maria Cecília Zanin Reina, 17 anos, bailarina e estudante do Ensino Médio. Beatriz Perini, 19 anos, administradora em uma empresa de comércio exterior.

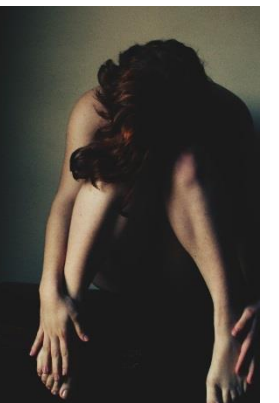
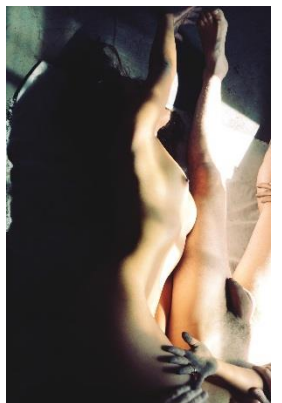
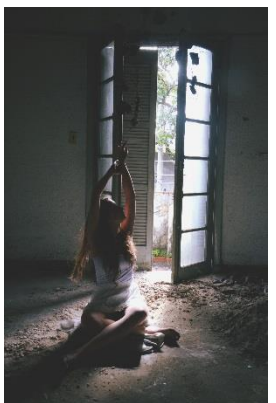
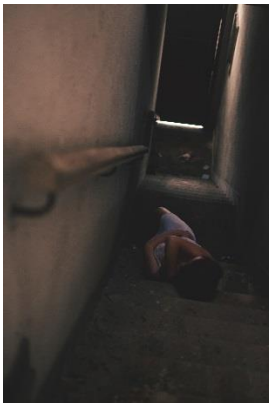
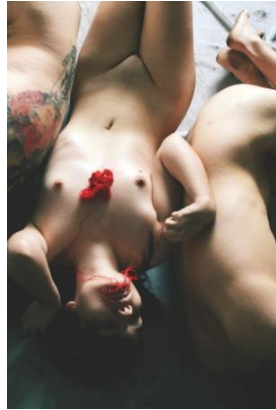
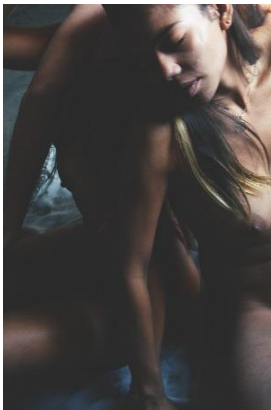
no desenvolvimento plástico, tendo em vista que se trata de uma pesquisa científica de linguagem visual através da fotografia.

A principal estratégia para a captação da expressão corporal se dá através do movimento. Para a captura deste com uma maior gama de possibilidades de composição estética e maior número de momentos registrados devido velocidade, a escolha da Fotografia Digital fora imprescindível para o desenvolvimento desse projeto. Apesar de haver somente 21 imagens selecionadas para o conjunto final da obra, foram necessárias 1096 fotos produzidas no decorrer de 4 dias de ensaios.

A escolha da captura de imagem digital fora também imprescindível para o caráter estético das fotos. Através do software de edição de imagem Adobe Photoshop fora possível a manipulação de cores das imagens. A busca pelo contraste e uso de cores intensas buscava salientar a força com que as questões trabalhadas são percebidas por aquele que as experimenta. São cores saturadas aos olhos, como se todas as sensações estivessem em seu máximo, “a flor da pele”.

#### 4. Ensaio Fotográfico





## Considerações Finais

Uma estrutura social é uma criação humana e tal como é passível de erros. Quando tais defeitos se manifestam, a resposta da humanidade é se reinventar. A estrutura social e econômica vigente no mundo contemporâneo já demonstra sinais de declínio. Essa estrutura adquiriu porém, com o passar dos anos, mecanismos de defesa, de forma que as respostas a tal debilidade ainda se concentram em uma minoria que vive de forma periférica. Periférica não no sentido geográfico, mas social – onde tais formas de vida são silenciadas, pois caso atinjam o grande público, danificariam a estrutura vigente de maneira irreversível. Alguns exemplos desta forma de vida alternativa podem ser aqueles que optam por não se casar ou constituir família, bem como casamentos baseados na não-monogamia<sup>6</sup>.

No que se diz respeito a saúde mental e essa devolutiva comportamental periférica, o preconceito sofrido por aqueles que optam por estilos de vida divergentes, bem como o não-reconhecimento e silenciamento destas formas de vida também são fatores que podem levar ao adoecimento psíquico.

Tratar de uma temática conceitual através da linguagem visual e fotográfica torna a relação daquele que observa a imagem com o tema mais íntima do que se tratada puramente de forma verbal. A estética é capaz de acessar o fator emocional na mente humana, tornando o contato com a temática mais pessoal e, muitas vezes, de percepção profunda. A escolha da linguagem fotográfica trabalha diretamente com a intimidade que a imagem pode trazer em relação ao assunto, tendo em vista que a fotografia é interpretada como um fragmento da realidade, cuidadosamente selecionado para ser observado, sentido, refletido, enfim, produzindo um questionamento sobre o trabalho proposto.

---

<sup>6</sup> Vale notar que a não-monogamia difere da poligamia. A poligamia consiste em uma relação de matrimônio, patriarcal, onde há uma diferença hierárquica entre o único homem e suas esposas. A não-monogamia pode ser formada por diversas formas de relacionamento que envolva duas ou mais pessoas, podendo esta ser por exemplo de comum acordo, onde todos os envolvidos estabeleceram um relacionamento, ou onde cada pessoa no relacionamento possui liberdade para relacionar-se com outros indivíduos. Regina Navarro Lins lançou em 2007 uma nova edição da obra *A Cama na Varanda: arejando nossas ideias sobre amor e sexo* (Editora Rocco) acrescentando uma Quinta Parte, intitulada *Novas Tendências*, onde fala destes relacionamentos de caráter não-monogâmico ou não-hierárquico.

## REFERÊNCIAS LITERÁRIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. 190 p.

CONTI OUTRA, Coletivo. **Depressão será 2ª maior questão de saúde pública em 2020** Disponível In <http://www.contioutra.com/depressao-sera-2a-maior-questao-de-saude-publica-em-2020-conheca-os-sinais/> acesso em Agosto 2014 e Setembro 2015

FERRAZ, Flávio Carvalho. **Normopatia**. Casa do Psicólogo, 2002. Coleção Clínica Psicanalítica. 148 p.

FROMM, Erich. **Psicanálise da Sociedade Contemporânea**. 5ª Edição. Rio de Janeiro: Zahar, 1967. 348 p.

FROMM, Erich. **Medo à liberdade, O**. Tradução de Octavio Alves Velho. 9. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1974. 246 p.

JUNG, Carl Gustav. **Os Arquétipos do Inconsciente Coletivo Vol. 9/1**. Tradução de Maria Luiza Appy e Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Editora Vozes. São Paulo, 2011. 7ª edição. Coleção Obra Completa de C. G. Jung. 496 p.

LINS, Regina Navarro. **A Cama Na Varanda**: arejando nossas idéias a respeito de amor e sexo. Rio de Janeiro. Rocco. (Gênero Plural). 2007. 326 p.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A Cultura Mundo**: Resposta a uma sociedade desorientada. São Paulo, Ed. Companhia das Letras. 2011. 208p.

## REFERÊNCIAS FÍLMICAS

CARVALHO, Luiz Fernando. **Lavoura Arcaica**. Escrito por Raduan Nassar. Brasil, 2001, Europa Filmes. 165min.

SHAINBERG, Steven. **A Pele**: Um Retrato Imaginário de Diane Arbus. Escrito por Patricia Bosworth e Erin Cressida Wilson. Estados Unidos, 2006. Telluride Film Festival. 122min.

SZIFRON, Dámian. **Relatos Selvagens**. Escrito por Ricardo Darín. Argentina, 2014. Warner Bros. 122min.

## REFERÊNCIAS VISUAIS

MAKABRESKU, Laura. **Fotografias de Laura Makabresku**. Disponível In <http://lauramakabresku.tumblr.com/> acesso em Junho de 2014

PEDICINI, Isabela. **Francesca Woodman: Gli anni romani tra pelle e pellicola**. Contrasto. Roma. 2012. 133 p.